

# Evangélicos e política

## Evangelicals and politics

Petterson Brey<sup>1</sup>

ANÉAS, André; NASCIMENTO, Lucas Merlo; GAMA, Rafael da (Orgs.). **Evangélicos e política**. São Paulo: Recriar, 2023. 204 p.

Propõe-se, aqui, uma resenha crítica do livro organizado por André Anéas, Lucas Merlo Nascimento e Rafael da Gama, intitulado *Evangélicos e política*, publicado em 2023 pela Editora Recriar. Pretende-se avaliar a pertinência da referida obra para o campo da reflexão teológica, especialmente no que concerne ao evangelicalismo brasileiro de origem norte-americana. Tal empresa, por conseguinte, percorrerá o seguinte roteiro: 1) os autores; 2) a obra; 3) considerações finais.

André Anéas é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Lucas Merlo Nascimento é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Rafael da Gama é doutor em História pela PUC-SP. Os três são coordenadores do Grupo de pesquisa *Teologia Cristã e Religião Contemporânea* (TCRC) do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia (LABÔ) da PUC-SP.

Além de textos assinados pelos organizadores, o livro conta, ainda, com textos de outros sete membros do grupo TCRC. São eles: Arthur de Souza Cunha, Hugo Wesley Oliveira Silva, Odlinari Ramon Nascimento da Silva, Patricia Garcia Costa, Priscila Ribeiro Chéquer Luz e Tayná Louise de Maria.

O livro *Evangélicos e política* possui 204 páginas e é dividido em três partes, precedidas – além de uma introdução geral dos organizadores – por um prefácio, intitulado *Uma tarefa de Sísifo*, escrito por Luiz Felipe Pondé, diretor do LABÔ da PUC-SP, sendo sucedidas por um posfácio escrito por Vinicius Saragiotto Magalhães do Valle, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

As três partes principais do livro são subdivididas em capítulos, sendo dois capítulos para cada uma das duas primeiras partes e quatro capítulos para terceira parte, totalizando, assim, oito capítulos. Cada uma das três partes é norteadas por uma palavra-chave específica, na sequência: *tentação*; *cobiça*; *pecado*.

*Parte I – a tentação* (era da inocência, do romantismo, das utopias – até meados dos anos 1980); capítulo 1: *Da gênese do evangelicalismo brasileiro aos evangélicos bolsonaristas* (Anéas); capítulo 2: *“Agradecemos a Deus pelo nosso primeiro presidente evangélico”: diálogos entre o movimento evangélico, Geisel, e a ditadura militar nos anos 1970* (Gama).

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Pós-doutorando em Ciência da Religião na PUC-SP. Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Contato: [pettersonbrey@gmail.com](mailto:pettersonbrey@gmail.com).

*Parte II – a cobiça (era das possibilidades reais e concretas – até os anos 2000); capítulo 3: “A Bíblia é a maior constituição”: os evangélicos e a política nos anos 1980 (Gama); capítulo 4: A tríade do cristianismo evangélico brasileiro: características do projeto evangélico, midiático e político (Silva; Costa; Luz; Silva). Parte III – o pecado (era do poder – a partir dos anos 2000); capítulo 5: Fundamentalismo, intolerância e a educação: um breve panorama histórico do Movimento Fundamentalista Cristão (de Maria); capítulo 6: Evangélicos e as mídias sociais hoje: a dinâmica das crises institucionais, os influenciadores digitais e os pastores de internet (Silva; Costa; Luz; Silva); capítulo 7: A construção imaginário-teológico do pensamento reformado brasileiro e seu contato com o “outro” (Cunha); capítulo 8: O apocalipsismo discursivo: compreendendo a aceitação do discurso bolsonarista (Nascimento).*

Na introdução, os organizadores delineiam os objetivos da obra da seguinte forma:

(i) apresentar os elementos fundantes do movimento evangélico; (ii) narrar a história do movimento evangélico, com foco nos desdobramentos políticos, a partir dos anos 70 até a eleição de 2018; (iii) refletir sobre a possibilidade de um “projeto político evangélico” e suas respectivas implicações; (iv) assinalar aspectos do tipo de fenômeno político envolvendo o evangelicalismo e o bolsonarismo. As premissas estabelecidas para todos os integrantes do TCRC foram: (i) cautela na forma de caracterizar os diferentes grupos evangélicos, a fim de não usar categorias preconceituosas; (ii) a ênfase no elemento teológico nas análises das personagens e dos enredos de décadas de fenômeno religioso; e (iii) a demonstração de como se dá a articulação entre religião e política no Estado Democrático de Direito brasileiro. (Anéas; Nascimento; Gama, 2023, p. 10).

Na *primeira parte* da obra, almeja-se introduzir os leitores às origens do evangelicalismo brasileiro e à sua mentalidade incipiente. Delineia-se, por exemplo, a gênese deste movimento, o ressentimento nutrido em relação ao catolicismo, a inter-relação dos evangélicos com a ditadura militar e os componentes de seu *modus operandi*, como o fundamentalismo cristão. Este período é demarcado por um movimento evangélico que percebia o engajamento político como uma possibilidade *tentadora*.

No primeiro ensaio, Anéas visa fornecer uma análise aprofundada sobre os evangelicalismos no Brasil, destacando sua gênese, desenvolvimento e a significativa relação com o bolsonarismo. Enfatiza-se a pluralidade do movimento evangélico, cuja diversidade é frequentemente mal-compreendida, resultando em reducionismos analíticos com implicações políticas relevantes, já que os evangélicos desempenham um papel crucial na política contemporânea brasileira. Para entender a origem deste *ethos* e suas bases teológicas, realizou-se um levantamento histórico da influência protestante norte-americana, que, apesar de suas raízes europeias nos séculos XVI e XVII, moldou significativamente o evangelicalismo brasileiro. A metodologia dos *tipos ideais* é apresentada como a mais eficaz para compreender este fenômeno, permitindo uma análise que reconhece as limitações interpretativas inerentes ao observador. Por fim, explora-se a convergência entre as características dos evangélicos e o

bolsonarismo, destacando elementos simbólicos como as bandeiras dos EUA e Israel nos atos antidemocráticos, refletindo a influência ideológica e teológica missionária norte-americana.

Na sequência, no texto de Gama, destaca-se que a ascensão de Ernesto Geisel ao cargo de primeiro presidente evangélico do Brasil constitui um marco histórico de profunda relevância, evidenciando a crescente imbricação entre política e religião em uma nação tradicionalmente regida por líderes católicos. Este acontecimento suscitou um fervor entusiástico nas comunidades de fé evangélica, que interpretaram a eleição de Geisel como uma manifestação da intervenção divina. Apesar de Geisel atenuar a expressão de sua religiosidade nos discursos oficiais, a fim de se conformar à hegemonia católica, sua investidura estimulou um engajamento político sem precedentes entre os evangélicos. Tal fenômeno demonstrou a capacidade das igrejas de se apropriarem dos discursos políticos, integrando-os em seus repertórios religiosos e evidenciando uma postura politicamente ativa que se intensificaria nos anos subsequentes.

A *segunda parte* do livro explora a intensificação das relações entre o movimento evangélico e a política, destacando como as oportunidades proporcionadas pelas mídias para a divulgação de suas crenças resultaram em uma íntima e dependente relação com o ambiente público, especialmente através das concessões de TVs. Esse período focaliza a crescente relevância da política para os evangélicos, o papel das mídias na evangelização, e as significativas metamorfoses dos movimentos pentecostais no Brasil, evidenciando como a *cobiça* engendra um contexto propício à consumação do *pecado*.

Gama, no âmbito do terceiro artigo da obra, delinea a relação entre os evangélicos e a política no Brasil durante os anos 1980, um período notável pela crescente visibilidade desse grupo na imprensa, conforme evidenciado por um aumento significativo de matérias em periódicos como *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, que frequentemente associavam os evangélicos à política. Destaca-se a atuação dos parlamentares evangélicos no Congresso Nacional, especialmente na constituinte de 1987, onde, organizados e articulados, formaram a quarta maior bancada com mais de 33 deputados, tornando-se o primeiro grupo político não católico a se estruturar tão expressivamente. A análise das matérias jornalísticas, juntamente com os anais da constituinte, revela as principais pautas políticas defendidas pelos deputados evangélicos, a mentalidade político-religiosa que os orientava, suas articulações e diferenciais.

No quarto capítulo, os autores asseveram que a história da mídia no Brasil, profundamente interligada ao comportamento humano e seu desejo inerente de comunicação, fomentou transformações significativas na sociedade, abrangendo esferas como religião, política, economia e vida familiar. Examinando o período de 1970 aos anos 2000, o texto destaca a influência de líderes evangélicos como Nilson Fanini, Edir Macedo, R. R. Soares, Caio Fábio e Silas Malafaia. O estudo utiliza um método descritivo-analítico, apoiado em fontes bibliográficas e testemunhais, como os discursos de Caio Fábio na PUC-SP, em 2020, organizados pelo LABÔ. Esse exame revela o impacto da midiaticização da religião,

reconfigurando a cultura e a sociedade brasileira, e destaca o crescimento evangélico não apenas em número de fiéis, mas também em sua influência cultural e política.

A *terceira parte* da obra examina como o ambiente pernicioso estabelecido nas décadas anteriores culmina na ascensão de figuras evangélicas a posições proeminentes na política brasileira, exemplificado pela presença de Edir Macedo ao lado do presidente no Dia da Independência de 2019. As investigações do TCRC exploram o moralismo evangélico como ferramenta política, o impacto das mídias sociais, a influência dos neocalvinistas no governo Bolsonaro, com ocupações de cargos importantes e indicações ao Supremo Tribunal Federal, e a aliança dos evangélicos com a extrema direita, fundamentada em uma visão escatológica.

Segundo de Maria, no quinto capítulo, o fundamentalismo religioso cristão evangélico, desde suas reações iniciais no final do século XIX, exibe uma natureza camaleônica, adaptando-se continuamente às influências científicas e sociopolíticas, manifestando respostas adversas à ciência nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, e atualmente, no Brasil, utilizando meios políticos para promover uma educação cristã. Por sua vez, os autores do sexto capítulo, asseveram que as relações entre evangélicos e mídias sociais no Brasil demonstram que as transformações sociais influenciam a religiosidade, com a emergência de fenômenos como os *desigrejados*, cuja prática de fé digital redefine a identidade religiosa e complexifica os processos de institucionalização e reinstitucionalização, evidenciando a coexistência e tensão entre tradições e novas formas de ser religioso.

Cunha, no sétimo capítulo, propõe que a análise sobre a fé reformada, progressismo e imaginário pode elucidar conflitos e complexidades. Personagens como Silas Malafaia e Paulo Júnior refletem a diversidade de interpretações dentro desse contexto. O conceito de “reformado” abarca uma gama ampla de significados, requerendo análises históricas, sociológicas e religiosas. O objetivo não é endossar polêmicas, mas compreender como diferentes indivíduos dialogam sobre a fé reformada em diversas esferas.

Por fim, no oitavo capítulo, Nascimento assevera que a Teologia, como mediadora de discursos religiosos complexos, pode esclarecer como o discurso bolsonarista penetrou parte do evangelicalismo brasileiro. Além de examinar a linguagem e o imaginário apocalíptico bíblico, a análise considera produtos culturais evangélicos e a *teologia do domínio*, destacando o papel crucial do imaginário religioso na mediação política. Sob a ótica da etnografia textual, o discurso bolsonarista, com suas características caricatas, encontra ressonância na mente evangélica através de elementos imagéticos da apocalíptica, reinterpretados e adaptados para identificação mútua.

*Evangélicos e política*, sem dúvida alguma, constitui-se como uma obra referencial importante para o estudo sobre religião e política no Brasil contemporâneo. Apesar de não exaustiva, por ter como objeto um fenômeno em andamento, portanto, inacabado, essa obra abrange os principais veios temáticos envolvidos na questão bolsonarista. Os ensaios constituintes do texto, por conseguinte, são perspicazes no que tange ao processo de leitura

histórico-conceitual do tema a que se propõem abordar. Isso pode ser constatado, principalmente, quando se lê complementarmente a outras obras recentes de autores (Nunes, 2022; Brey, 2023; Rocha, 2023) que, também, tem se dedicado aos temas, aqui, delineados. ✨

## **REFERÊNCIAS**

ANÉAS, André; NASCIMENTO, Lucas Merlo; GAMA, Rafael da (Orgs.). **Evangélicos e política**. São Paulo: Recriar, 2023.

BREY, Petterson. Biblical interpretation and fundamentalist apologetics in Brazilian politics. **International Journal of Human Sciences Research**, Ponta Grossa, v. 3, n. 17, p. 1-10, 2023.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

Recebido em: 12/02/2025.

Aceito em: 29/06/2025.